

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CERRO LARGO

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL
LICENCIATURA**

LARA REGINA FAVA CAITANO

MUJERES DEL ALMA MÍA:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE ISABEL ALLENDE

CERRO LARGO

2022

LARA REGINA FAVA CAITANO

MUJERES DEL ALMA MÍA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE ISABEL ALLENDE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras Português
e Espanhol Licenciatura da Universidade
Federal da Fronteira Sul (UFFS), como
como requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angelise Fagundes Da Silva

CERRO LARGO
2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Lara Regina Fava Caitano
MUJERES DEL ALMA MÍA:: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE
ISABEL ALLENDE / Lara Regina Fava Caitano . -- 2022.
28 f.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Angelise Fagundes da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo,RS, 2022.

1. Literatura hispano-americana. 2. Isabel Allende.
I. Silva, Angelise Fagundes da, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

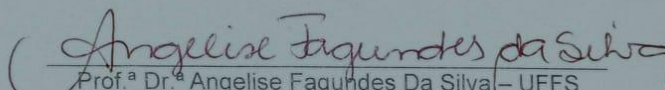
LARA REGINA FAVA CAITANO

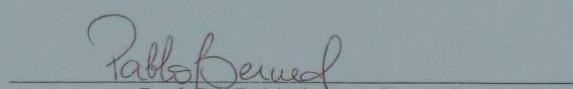
MUJERES DEL ALMA MÍA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE ISABEL ALLENDE

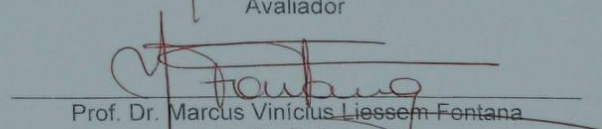
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras
Português e Espanhol Licenciatura
da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como
requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Letras.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/08/2022.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Angelise Fagundes Da Silva – UFFS
Orientadora


Prof. Dr. Pablo Lemos Berned
Avaliador


Prof. Dr. Marcus Vinícius Liessem Fontana
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, as pessoas, que estiveram sempre ao meu lado, por mais difícil que fossem às circunstâncias. Ao apoio de minha família que sempre me incentivou a ir em frente, aos meus filhos Thiago, Maria Eduarda e Ariane e a minha nora, Silvana, que sempre estiveram prontos para me ajudar, para que eu pudesse me dedicar aos trabalhos, ao meu esposo pela paciência e por compreender todos os meus momentos e dificuldades.

A professora Dr.^a Geni da Costa Moura, que me apresentou a Obra “Mujeres del Ama Mía sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas”, de Isabel Allende, e a minha orientadora Professora Dr.^a Angelise Fagundes da Silva, que me acolheu em seu coração enorme e dedicou suas preciosas horas comigo, muito obrigada por tamanha dedicação e carinho, minha eterna gratidão.

A todos os meus professores, colegas e amigos que acompanharam minha trajetória e meu desenvolvimento como pessoa e profissional.

Meu eterno Obrigado!

RESUMO

O presente trabalho ressalta a importância da literatura na sociedade e na vida pessoal de cada indivíduo. Quando se lê, nossos conhecimentos são estimulados, nos permitindo uma autonomia social, a partir da qual conseguimos refletir a respeito do mundo e de nós mesmos. Ao escolher o título “Mujeres del alma mía: considerações sobre a obra de Isabel Allende” pretendo refletir, a partir da escrita de Isabel Allende “Mujeres del alma mía: sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas”, sobre a literatura em conexão com a vida, buscando evidenciar a importância da literatura para quem lê e os múltiplos significados que vêm a partir disso. Para tanto, além de apresentar alguns aspectos da vida de Allende, reflito sobre a obra e a sociedade a partir de algumas temáticas, como o patriarcado, o feminismo, o machismo, a violência contra as mulheres, a família, a maternidade, o sexo/maturidade, o trabalho, a longevidade, assim como, a morte e a pandemia. Afora isso, discuto sobre a construção da narrativa no tocante a constituir-se como uma obra auto ficcional e apresento minhas reflexões finais.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana; Isabel Allende; auto ficção.

RESUMEN

El presente trabajo enfatiza la importancia de la literatura en la sociedad y en la vida personal de cada individuo. Cuando leemos, se estimula nuestro conocimiento, permitiéndonos tener una autonomía social, desde la cual podemos reflexionar sobre el mundo y sobre nosotros mismos. Al elegir el título “Mujeres del alma mía: considerações sobre a obra de Isabel Allende” pretendo reflexionar, a partir de la escritura de Isabel Allende, “Mujeres del alma mía: sobre el amor imaciente, la vida larga y las brujas buenas”, sobre la literatura en relación con la vida, buscando resaltar la importancia de la literatura para quien lee y las múltiples significados que se derivan de ella. Para ello, además de presentar algunos aspectos de la vida de Allende, reflexiono sobre el trabajo y la sociedad a partir de algunos temas, como el patriarcado, el feminismo, el machismo, la violencia contra la mujer, la familia, la maternidad, el sexo/madurez, el trabajo, la longevidad, así como la muerte y la pandemia. Aparte de eso, discuto la construcción de la narrativa en términos de constituir una obra autoficcional y presento mis reflexiones finales.

Palabras clave: Literatura Hispanoamericana; Isabel Allende; autoficción.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 ALLENDE E O PAPEL DA MULHER ESCRITORA PARA O LEITOR EM CONEXÃO COM O SOCIAL.....	11
2.1 Um pouco da vida de Isabel Allende	11
3 OBRA EM ANÁLISE.....	13
4 BIOGRAFIA, AUTOBIOGRAFIA OU AUTOFICÇÃO: uma discussão necessária a partir de leitura de “Mujeres del alma mía: sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas”, de Allende	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERENCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

“Eres el narrador de tu propia vida, y puedes crear tu propia leyenda...o no”¹

A realidade representada na obra da escritora Chilena, Isabel Allende, me fez repensar nos modelos sociais, comportamentais e históricos, que ainda hoje nos servem de inspiração para a sociedade atual, tornando-se uma necessidade do cotidiano, por meio do qual expressamos nossos desejos e ideologias, recriando nossa própria vivência nas páginas de um livro. Além da contribuição para o nosso enriquecimento cultural e intelectual, a literatura precisa nos dar prazer, nos desacomodar, dar certo contentamento e, a partir disso, despertar-nos para novas experiências e nos estimular a desenvolvermos nosso senso crítico. No que se refere a estas contribuições que a literatura nos apresenta, a escritora chilena Isabel Allende, em seu livro “Mujeres del alma mía: sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas”, consegue representar em sua escrita toda essa expressividade humana. A escritora, nascida em 1942, nos convida a acompanhá-la em uma viagem pessoal e cheia de emoções, lembrando algumas mulheres imprescindíveis de sua vida, que a inspiraram e a acompanharam, tudo com uma paixão inconfundível pela vida. Essa essência que a autora coloca no livro - de sentimentos, prazeres e uma plena intensidade - causa uma certa inquietude que mexe com nossos sentimentos e nossa realidade, tanto no passado, por meio de nossas memórias, como no presente.

Frente a isso, percebemos a literatura como um modo de conexão e reafirmação das raízes de nossa história (nem sempre pacíficas e sossegadas). Além disso, com especial atenção à obra de Allende - “Mujeres del alma mía: sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas” - conseguimos perceber, também, na literatura hispano-americana atual, a importância que outras mulheres tiveram na vida da autora, e como valorizam sua história enquanto mulher.

Para dar conta, portanto, da leitura e análise crítica dessa obra, este Trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivo (1) apresentar a

¹ (ALLENDE, 2019, sem página)

escritora Isabel Allende, com destaque para (2) a importância da literatura latino-americana tanto para o leitor “comum” como para o leitor especializado, como o professor, e o (3) papel da mulher escritora num mundo onde o papel feminino sempre foi minimizado perante a sociedade machista que se destaca na literatura mundial. Para essa análise, classifico minha leitura em determinadas categorias que, neste texto, pretendo discutir. Afora isso, (4) abordarei o que é biografia, autobiografia e como as narrativas se dão por meio desse gênero literário. Com especial atenção a esse último ponto, pretendo problematizar se o que Isabel Allende faz pode ser considerado autobiográfico, como, em sendo o caso, podemos comprovar sua autenticidade e, no caso de não ser uma obra autobiográfica, como poderíamos classificá-la diante dos indícios que são dados ao leitor.

Por fim, este texto apresenta as seguintes seções, que guiam o leitor pelas veredas da minha análise: 1) Allende e o papel da mulher escritora para o leitor em conexão com o social; 2) Um pouco da vida de Isabel Allende e de sua carreira literária; 3) A obra em análise e, por fim, 4) discuto aspectos relacionados à biografia, autobiografia e autoficção, além das minhas considerações finais e referências.

2. ALLENDE E O PAPEL DA MULHER ESCRITORA PARA O LEITOR EM CONEXÃO COM O SOCIAL

2.1 Um pouco da vida de Isabel Allende

A escritora e jornalista chilena Isabel Allende nasceu em Lima, no Peru, no dia 02 de agosto de 1942. Filha do diplomata chileno Thomás Allende e de Francisca Lhona, dona de casa, teve suas obras traduzidas para vários idiomas, sendo seu livro mais conhecido, A Casa dos Espíritos. Em 1945, após a separação de seus pais, Isabel voltou com a mãe e seus três irmãos (Francisco Allende Lhona, Juan Allende Lhona e Geórgia Allende Lhona) para Santiago, capital do Chile, onde passou sua infância e grande parte de sua vida.

Após o segundo casamento de sua mãe, em 1953, a família passou a morar em La Paz, na Bolívia. Na capital boliviana, Isabel estudou em uma escola norte americana. Em seguida, mudou-se para Beirute, no Líbano, onde ingressou em uma escola inglesa.

Isabel Allende iniciou o curso de Jornalismo, em 1958, quando retornou para Santiago (Chile). Foi nessa época que começou a escrever contos infantis e peças para o teatro. Já em 1960, Isabel Allende entrou para a seção chilena da Organização das Nações Unidas (FAO), que trabalha pela melhoria do nível de vida da população carente.

Em 1962, Isabel casou-se com Miguel Frias, com quem teve dois filhos, Paula e Nicolás. Em 1973, o presidente Salvador Allende, tio de Isabel Allende, foi deposto, após um golpe militar, arquitetado pelo general Augusto Pinochet. Com a instalação da ditadura militar no Chile e com a morte de Salvador Allende, Isabel e sua família deixou o Chile, refugiando-se em Caracas, na Venezuela.

Em 1967, Isabel passou a escrever para uma revista infantil e também para uma revista feminina. Em 1970, trabalhou na televisão, apresentando um programa de entrevistas. Sua peça de teatro “O Embaixador” estreou em 1972. Em 1991, a filha Paula, foi diagnosticada com uma doença neurológica e após um período em coma acabou falecendo. Entretanto, uma viagem a Índia, sua

vida mudou completamente. Ao visitar uma vila, uma mulher lhe deu uma criança recém-nascida para que a levasse dali, esse gesto a surpreendeu, mas depois o guia lhe explicou que a criança era uma menina, e as meninas não eram aceitas na comunidade local. A partir desse momento Isabel Allende criou a “Fundação Isabel Allende” para ajudar mulheres e crianças em situação de risco, dedicando os rendimentos do livro “Paula” para a causa.

Hoje, morando nos Estados Unidos, vive como imigrante na Califórnia, assim se define como “eterna estrangeira” e em 2003 obteve cidadania americana, suas obras estão sempre em primeiro lugar na lista dos livros mais vendidos na Europa e na Américas.

No seu último livro, que me proponho analisar neste trabalho de final de curso, a autora parte para uma viagem pessoal em que rememora seus vínculos com o feminismo desde a infância até os dias de hoje. Livro que não explora aquela ficção dos Best Sellers, mas onde Isabel Allende conta sua vida de maneira intimista, com uma boa dose de autocrítica e humor. Relembra as mulheres imprescindíveis em sua vida, bem como as mulheres anônimas que sofreram violência e, cheias de dignidade e coragem, seguiram em frente. São essas mulheres que a inspiraram e a acompanharam durante sua vida. Sempre preocupada com os problemas sociais e globais.

“Cada ano vivido e cada ruga contam a minha história”, assim a narradora percorre os labirintos da memória e presenteia-nos com um emocionante testemunho sua relação com o feminismo e a condição de mulher, sua relação com as novas gerações. Para Allende (2019, p. 19), “Mi vida se hace al contarla y mi memoria se fija con la escritura; lo que no pongo en palabras sobre papel, lo borra el tiempo.”

A obra “Mujeres del alma mía sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas”(2020) é de extrema importância para apresentá-la em sala de aula. Em especial, por sua temática que conduz o aluno a refletir e a estimular sua capacidade de pensar de forma crítica e se posicionar perante aos acontecimentos muito comuns numa sociedade onde a mulher ainda é considerada um ser inferior e que não pode ter os mesmos direitos que são dados aos homens pela sociedade e pela cultura que os rodeiam. Para o professor, trabalhar com essas as temáticas demonstra que está aberto para

as relações das diferentes áreas de conhecimento do mundo, bem como, apresentar soluções para os problemas que estão em pauta. Nesse contexto, a literatura é uma forte arma contra todos esses tipos de preconceitos ainda vigentes numa sociedade considerada moderna e atual. E trazer essas questões para um público ainda jovem, que estão entrando na adolescência, faz muita diferença, pois assim o adolescente tomará consciência de seus direitos e deveres e falar sobre feminismo, direitos humanos, igualdades, afetividade, sexualidade nos conduz rumo a uma sociedade mais justa, onde podemos ser protagonistas de nossa própria história e respeitados pelas nossas escolhas.

A literatura gera consciências e, em certa medida, impacta positivamente na sociedade fazendo com que repensemos e nos posicionemos diante das mais variadas temáticas e discursos literários existentes. Para a escritora peruana Sara Beatriz Guardia,

Revalorizar y analizar fuentes iconográficas y literarias para acercarnos a la imagen que se construye de las mujeres, puede ser un primer paso para preguntarnos sobre la realidad de las mujeres en el tiempo en que esa representación o discurso se produce. Así, la posibilidad de una historia concebida como explicación de un discurso ideológico abre perspectivas completamente nuevas a la enseñanza de la historia, no sólo en temáticas, sino en relación a la propia metodología docente. (GUARDIA, 2003. P.15.)

De especial importância para nós, latino-americanos, a literatura de língua espanhola está comprometida, em grande parte, a tomar frente às diversas problemáticas sociais como a pobreza, miséria, opressão, corrupção, servidão, desigualdades raciais e de gêneros, como destaca Santos (2010), que:

[...] falar em literatura produzida por mulheres, na América latina, pressupõe reconhecer que, embora que a nação ou comunidade esteja “definida pelo poder patriarcal, também se dá a mulher um papel e um acesso a representação, ainda que limitado. A nova consciência nacional, nos países hispano americanos tem sido fator importante para a expansão da literatura escrita por mulheres”. É dessa forma que as personagens dessas narrativas podem romper com o modelo tradicional, transgredindo o convencional para questionar o estabelecido. (SANTOS, 2010, p. 26.)

No desenvolver deste Trabalho de Conclusão de Curso, se buscará refletir, a questão da mulher escritora hispano-americana na voz de Isabel Allende, entendendo a necessidade de darmos mais espaço para essa literatura, e, a partir dela, promover reflexões, valorizando a leitura no âmbito de Língua Espanhola.

Pelo indicativo de sua trajetória como escritora de língua espanhola contemporânea, comprometida com as questões de gênero e questões sociais em sua amplitude, a chilena Isabel Allende se apresenta como expressiva opção, pois em seus livros expõe a figura da mulher de forma sempre emergente, construindo e reconstruindo sua própria história. Para tecer um diálogo direto com sua obra foi escolhido o livro “Mujeres del alma mía: sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas” para explorarmos e dialogarmos sobre a importância de revisitar as raízes femininas e perceber a construção e relevância da constituição de sua história de vida.

3. A OBRA EM ANÁLISE

A obra “Mujeres del alma mía sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas” nos convida a refletir sobre temas polêmicos do dia-a-dia, da sociedade, expondo situações que fazem parte da nossa vida “real” tanto do leitor, como da autora. Esses temas estão impregnados em nossa sociedade, alguns de maneira nocivas e que corrompem o ser humano.

Ao longo da leitura da obra, pude identificar várias temáticas presentes na obra de Allende, como: antepassados, cotidiano, feminismo, família, maternidade, machismo, sexo/maturidade, trabalho, longevidade, morte, o patriarcado, violência contra as mulheres, poesia e escrita, ditadura, política e pandemia. No entanto, neste trabalho de final de curso, escolhi apenas algumas destas temática para analisar, e são as seguintes: patriarcado, feminismo, machismo, violência contra as mulheres, família, maternidade, sexo/maturidade, trabalho e longevidade. Assim como a morte e a pandemia. A partir dessas categorias, apresento minha leitura da obra.

Não somente no Chile, mas em toda a América Latina percebemos que as mulheres são o pilar da família e da comunidade, ainda que isso nem

sempre seja reconhecido. A obra de Allende amplia suas possibilidades, permitindo ao leitor relacionar as questões sociais do seu próprio entorno, da sua vida. Neste sentido, é significativo apontar que o patriarcado oprime e aumenta as desigualdades sociais, bem como, inferioriza as mulheres, subjugando seus direitos, não somente no âmbito doméstico, mas em múltiplas opressões sociais. Na maior parte dos casos, o sexismo se mescla com outros tipos de discriminação como raça ou classe. A narradora explica que:

A pesar de que han cambiado muchas de las leyes discriminatorias, el patriarcado sigue siendo el sistema imperante de opresión política, económica, cultural y religiosa que otorga dominio y privilegios al sexo masculino. Además de misoginia- aversión a la mujer-, este sistema incluye diversas formas de exclusión y agresión: racismo, homofobia, clasismo, xenofobia, intolerancia hacia otras ideas y hacia personas diferentes.” (ALLENDE, 2020, p.19).

Numa sociedade conservadora, patriarcal, é muito difícil debater o feminismo. No final do século XIX, como mostrou Matos (2010) uma onda de mulheres feministas, brancas e de classe média tomou as ruas e reivindicavam seus direitos, igualdade política e jurídica. Anos mais tarde, em 1960 e 1970 ocorreu a segunda onda, onde as mulheres, mais uma vez, tinham como pauta a luta pelo direito ao corpo e ao prazer, em combate com os direitos sexuais e liberdades dos homens sobre as mulheres.

O movimento feminista negro, em 1980, trouxe em pauta as desigualdades sociais e a opressão racial. A ativista brasileira Djalмира Ribeiro se refere ao movimento feminista:

[...] Não dá para falar em consciência humana enquanto negras não tiverem direitos iguais e sequer forem tratadas como humanas. [...] (RIBEIRO, 2016)

[...] A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados. E não se pensa em saídas emancipatórias para problemas que nem sequer foram ditos. [...] (RIBEIRO, 2016.p.101)

As teorias feministas se difundiram ao longo dos anos, descrevendo a sociedade patriarcal como uma grande estrutura social feita para que as mulheres sejam submetidas aos homens. O feminismo combate a submissão da mulher para o homem. As mulheres em posição de inferioridade, tanto

financeira ou cultural, sem distinção de raça, gênero ou ideologia, sempre estiveram em desvantagem em relação as mulheres mais abastadas e o movimento feminista forneceu a essas mulheres base teórica e experiências, onde a partir de reuniões puderam reivindicar seus direitos, refletir e se organizar para combater todo o tipo de preconceito e desigualdades raciais ou sociais. E essa mobilização alavancou a luta pela ruptura do poder masculino perante o feminino.

A narradora discorre, a esse respeito que:

El patriarcado es pétreo. El feminismo, como el océano, es fluido, poderoso, profundo y tiene la complejidad infinita de la vida, se mueve en olas, corrientes, mareas y a veces en tormentas furiosas. Como el océano, el feminismo no se calla. (ALLENDE, 2020, p. 20).

A narradora aborda o machismo na sociedade. Ainda hoje, como destaca a autora, a mulher é vista inferior ao homem, pelo simples fato de ser mulher. Além disso, há o machismo estruturado onde a cultura está impregnada numa sociedade que justifica tal comportamento como uma norma social por muitas décadas, como forma de enaltecer a masculinidade. Neste sentido, percebemos no relato de Allende que sua mãe não foi educada para trabalhar, para se sustentar sozinha, o homem é quem protege, custeia o necessário e manda. Para essa questão, Isabel Allende reflete o que segue:

Creo que mi rebeldía contra la autoridad masculina se originó en la situación de Panchita, mi madre, a quien su marido abandonó en el Perú con dos niños en pañales y un recién nacido en los brazos. (ALLENDE, 2020, p. 9).

Mi enojo contra el machismo comenzó en esos años de la infancia al ver a mi madre y las empleadas de la casa como víctimas, subordinadas, sin recursos y sin voz, la primera por haber desafiado las convenciones y las otras por ser pobres. (ALLENDE, 2020, p. 11).

No Brasil, em 2006, foi criada a Lei nº 11.340, também conhecida como a Lei Maria da Penha, tendo como objetivo principal coibir a prática da violência doméstica e familiar e punir seus agressores. No nosso país já há, ainda que nem sempre cumprida de forma rigorosa, um avanço no tocante ao combate às violências sofridas pelas mulheres. É certo, no entanto, que não é algo que se aplica a outros países. A respeito da violência, em especial, a narradora traz para a sua obra esse tipo de violência como universal e levanta a questão dos

direitos humanos, como a desigualdade ante os sexos é crucial. Para o homem, quando é privado de sua liberdade ou surrado, é tortura, mas para a mulher, esse assunto é privado. Em muitos países, a morte de uma menina ou mulher sequer é denunciada. Onde ser mulher significa viver com medo e a agressão sexual é louvada como característica da masculinidade e direito do homem - algo está profundamente errado. A causa dos maus tratos é a desvalorização da vítima. As mulheres, em muitos lugares, ainda são vendidas, trocadas ou compradas como mercadorias; são consideradas como inferiores em um mundo onde os homens ficam chocados e ofendidos quando as mulheres possuem o mesmo sucesso e conhecimento que eles. Em muitos países, ter uma menina, é ter a certeza de que terá um futuro miserável, que serão vendidas para um casamento prematuro, onde meninas maltratadas e violentadas dão a luz ainda na puberdade, forçadas ao trabalho e a prostituição e, assim, darão a luz a outras meninas como elas, num círculo sem fim, onde a dor e a humilhação fazem parte do seu cotidiano, onde muitas morrerão cedo demais e outras serão abortadas em situações desumanas. Frente a isso, a revolta da narradora está clara:

Basta de eufemismos. Basta de soluciones parciales. Se requieren cambios profundos en la sociedad y nos toca a nosotras, las mujeres, imponerlos. Acuérdense de que nadie nos regala nada, tenemos que conseguirlo. Debemos crear consciencia a nivel global y organizarnos. Ahora más que eso es posible, porque contamos con información, comunicación y capacidad de movilizarnos. (ALLENDE, 2020, p. 124).

No tocante à família, é importante considerar que vivemos numa sociedade onde o número de divórcios cresce a cada dia, sendo que, muitas vezes, a separação é a melhor opção. Neste sentido, vale destacar que, se de um lado está o casal numa disputa nem sempre amigável, a questão se torna mais complexa quando envolve os filhos. E, numa sociedade onde a mulher é vista de uma maneira (ainda) tão pormenorizada, reconstruir a vida a partir de novos relacionamentos é um desafio constante. Não há como deixar de mencionar que há uma prática constante de abandono paterno na nossa sociedade. Esse é, quase sempre, traumático e a relação familiar se torna conflituosa, tendo, muitas vezes, questionada a ausência do progenitor. A escritora, sobre essa temática familiar, relata que sempre tratou seu padrasto

de maneira pouco amigável e sempre o chamava de Tio Ramón, mesmo sem aparente motivo, como narra este trecho:

Me tomó mucho tiempo aceptar al tío Ramón, como llamé siempre al hombre con quien Panchita se juntó [...] Pasé la adolescencia detestándolo y cuestionando su autoridad, pero como era un optimista invencible, ni cuenta se dio. (ALLENDE, 2020, p. 11).

Con el tiempo el tío Ramón llegó a ser mi mejor amigo y confidente. Era alegre, mandón, orgulloso y machista, aunque lo negaba con el argumento de que nadie era más respetuoso con las mujeres que él. (ALLENDE, 2020, p. 14).

A narradora relata na obra que sempre pensou que sua mãe fosse uma vítima, que não tinha controle sobre sua própria vida, que não possuía independência financeira e acatava todas as decisões do marido, mesmo contrariada. Desejava que sua mãe tivesse mais desejo pela vida, pudesse desfrutar daquilo que sonhava e tivesse brigado para consegui-lo. A narradora descreve sua mãe:

Panchita resentía los defectos de su compañero tanto como admiraba sus cualidades. Asumió el papel de esposa dominada y a menudo furiosa por amor y porque se sentía incapaz de sacar adelante a sus hijos sola. Ser mantenida y protegida tenía un costo inevitable." (ALLENDE, 2020, p. 14).

Nesse sentido, relata Allende que o sentimento de desconfiança esteve presente em sua vida por muito tempo, pois não conseguia aceitar que um homem queria sua esposa num dia e no outro simplesmente a deixava. Quando Allende regressou para a casa de seu avô, mesmo sendo ele um homem, o patriarca da família, passou a compreender melhor a desvantagem de ser mulher. De forma bastante surpreendente, a autora relata que foi o avô, um sujeito criado a partir da sociedade patriarcal e machista, que a preparou para ser independente, colocando a honra em primeiro lugar.

A mí padre biológico nunca lo eché de menos ni tuve curiosidad por saber de él. [...] El abandono de mi padre no es excepcional. El Chile el pilar de la familia y la comunidad es la mujer, sobre todo en la clase trabajadora, donde los padres van y vienen y a menudo desaparecen sin acordarse más de los hijos." (ALLENDE, 2020, p. 16-17).

A respeito da maternidade, Isabel Allende teve dois filhos com Miguel, seu primeiro marido: Paula e Nicolás. Segundo a narradora, não perpetuou o machismo, pois, desde cedo, o filho assimilou o conceito de igualdade de gênero e a filha deu opções para que vivesse sem medo. A família foi planejada, somente dois filhos, o que não é a realidade de muitas mulheres, onde os métodos anticoncepcionais, que deveriam ser gratuitos e estar disponíveis a todas as jovens que começam a menstruar e a ter suas vidas sexuais ativas, ainda estão longe do alcance da maioria das mulheres, onde o planejamento familiar ainda lhe é imposto, mas não ofertado. Neste sentido, Allende aponta que a filha Paula pertencia a uma geração privilegiada onde os pais e avós deixaram os benefícios alcançados pela sua luta diária. Morreu há muitos anos e a narradora nunca deixou de pensar nela todas as noites e em todos os dias. Como mãe e mulher, pensa que ela estaria feliz de verificar que agora há uma onda de feministas jovens, desafiadoras, com humor e muita criatividade.

Ao filho Nicolás, relata Allende, disse que, em vez de colocar filhos no mundo, deveria arrumar um cachorro, o que ele nunca conseguiu perdoar, afirma ela. Nicolás casou-se e teve três filhos em cinco anos, tem um instinto materno muito desenvolvido e os netos não deixam nada a desejar. A narradora evita mencionar o amor materno porque é intocável e qualquer brincadeira a respeito custa muito caro, segundo ela. Além disso, menciona que não conseguiu se adaptar à vida doméstica e somente cuidar da casa e dos filhos. Ela precisava de algo mais - e foi ser escritora. Neste trecho, a narradora define a maternidade:

Mientras más vivo, más contenta estoy de pertenecer a mi género, sobre todo porque di a luz a Paula y Nicolás; esa experiencia transcendental, que hasta ahora los hombres no tienen, definió mi existencia. Los momentos más felices de mi vida fueron cuando sostuve a mis niños recién nacidos en mi pecho. Y el momento más doloroso fue cuando sostuve a Paula moribunda en mis brazos. (ALLENDE, 2020, p. 43).

Sobre sexo e maturidade, Allende comenta na obra que seu último amor, Roger, conheceu em outubro, numa conferência, e pôde comprovar, pessoalmente, tudo o que já sabia através dos correios eletrônicos. Para ela, era exatamente o que tinha averiguado: uma pessoa confiável. Viúvo,

advogado, passou a escrever para seu escritório insistentemente após tê-la escutado num programa de rádio. Não foi uma paixão fulminante e irresistível como foi com Willie, seu segundo marido e conforme a narradora isto é a prova que os hormônios determinam as sensações. Ela relata que, na ocasião de seu encontro, perguntou a Roger à queima-roupa quais eram as suas intenções, pois a idade não permitia mais perder tempo. Após passar um período juntos ela foi pedida em casamento, o que não aceitou e propôs serem amantes:

Durante un año y siete meses nos pusimos a prueba viviendo en mi casa de muñecas con dos perros. Ambos hicimos concesiones, yo con su desorden y él con mi espíritu mandón, mi excesiva puntualidad y mi obsesión con la escritura, que no deja mucho tiempo para otras cosas. Aprendimos la danza delicada de las parejas bien avenidas, que permite moverse en la pista sin pisarse los pies. Al cabo de ses plazo, una vez seguros de que podíamos soportarnos mutuamente, nos casamos porque él es un tipo más bien tradicional y la idea de vivir en pecado le preocupaba. (ALLENDE, 2020, p. 171).

Já sobre a longevidade, para a narradora, o amor é uma forma de rejuvenescer. Um novo amor, um entusiasmo, a idade não importa, mas viver, aceitar as limitações da idade, fazer as tarefas no seu tempo, sem pressa. A idade é, assim, deixar os compromissos de lado, principalmente os que cumpria apenas por obrigação e naturalmente a idade traz perdas. Perdem-se pessoas, animais, lugares e a energia de antes. A sociedade não está preparada para lidar com a longevidade. Numa parte do mundo, onde as moradias são precárias, a comida escassa, o trabalho e o ritmo da vida são muito exigentes, os últimos anos de vida podem se tornar dolorosos e solitários, numa dependência familiar ou de casas de repouso. A narradora acata que:

En fin, aunque nos aferremos a la ilusión de la juventud, la mayoría de la gente de mi edad avanza a tranco largo hacia la decrepitud y todos vamos a terminar muertos antes de que el prejuicio contra la edad sea abolido. No alcanzaré a aprovechar esos avances de la ciencia, pero seguramente mis nietos llegarán a los cien años en plena forma. Me conformo con envejecer alegremente y para ese fin tengo algunas reglas: ya no hago concesiones fácilmente; adiós a los tacones altos, las dietas y la paciencia con los tontos; y he aprendido a decir que no a lo que no me agrada sin sentirme culpable. Mi vida es mejor ahora, pero no me interesa el reposo del guerrero, prefiero mantener algo de ardor en la mente y la sangre. (ALLENDE, 2020, p. 91).

Para a narradora, que em 2022 está com 80 anos, essa é a melhor idade, uma época feliz, pois não precisa provar nada a ninguém, onde não tem necessidade de se preocupar com filhos ou netos, pois agora todos são adultos e autossuficientes. Seu único propósito, desde pequena, foi conseguir sua independência financeira sem necessitar da ajuda de ninguém. E isso conseguiu, mesmo não tendo controle sobre os acontecimentos que definiram seu destino e sua personalidade, como o desaparecimento de seu pai, o golpe militar no Chile e o exílio, a morte de sua filha Paula, o sucesso de seu livro “A casa dos espíritos”, três enteados dependentes químicos e seus dois divórcios. Considera a velhice uma dádiva. Sem inseguranças, livre, sem desejos absurdos, complexos inúteis ou pecados capitais. Destaca Allende que:

No sé si hubiera logrado todo lo dicho anteriormente si mis libros no tuvieran éxito, lo que me salva de la inestabilidad económica que aflige a la inmensa mayoría de los viejos. Gozo de libertad porque cuento con los recursos necesarios para vivir con deseo. Eso es un privilegio. (ALLENDE, 2020, p. 184).

Enquanto seu corpo se deteriora, a narradora se permite ser sentimental e pedir ajuda quando precisa, a armadura que vestia para provar que não era vulnerável, de fortaleza que era cultivada por seu avô, agora não se faz necessária. A alma se rejuvenesce e a paixão aumentou por todas as causas e pessoas que abraçou. E conclui que a existência se simplifica com a menopausa, pois com os filhos criados, a ausência de expectativas e a renúncia ao ressentimento, fazem a narradora relaxar. . Viver sem ter pretensões, fingir ou lamentar-se e muito menos torturar-se por bobagens. Amar a si mesmo antes de tudo e aos outros sem esperar retribuição. Assim descreve a Morte:

Desde que murió mi hija soy plenamente consciente de la proximidad de la Muerte, y ahora, a los setenta y tantos, la Muerte es mi amiga. No es cierto que sea un esqueleto armado de una guadaña y con olor a podredumbre; es una mujer madura, elegante y amable perfumada a gardenias. Antes andaba rondando en mi vecindad, después en la casa de al lado y ahora está esperando pacientemente y ella me recuerda que debo aprovechar cada día como si fuera de los últimos. (ALLENDE, 2020, p. 110).

No tocante a Pandemia da Covid-19 ou SARS-CoV-2, Allende relata que, trancada em casa com Roger, digitava as últimas páginas de sua obra e pensava que, por causa da idade, a expectativa de escapar do vírus era remota. Para ela, o lar era o lugar mais seguro para se estar. Frente a toda a situação, considera-se privilegiada por poder estar num lugar confortável, quando muitas pessoas estão em situações insalubres, solitárias, doentes, desamparadas e sem recursos. Acredita que teve muita sorte pois, acompanhada do marido e das duas cachorras, pode escrever em seu pequeno escritório no sótão enquanto Roger trabalhava no computador. Para Allende, essa talvez tenha sido a sua lua de mel, porque antes não havia tempo para estarem juntos por um período tão longo. Reflete Allende:

¿cómo habríamos podido imaginar que en pocos días el mundo conocido podía desbaratarse de esta manera? Se suspendió la vida social, se han prohibido todas las reuniones, desde un partido de fútbol hasta las sesiones de Alcohólicos Anónimos, han cerrado las escuelas, universidades, restaurantes, cafeterías, librerías, tiendas y mucho más. De viajar, ni hablar. Millones de personas han perdido el trabajo. La gente, asustada, acapara alimentos y productos. Lo primero que se terminó fue el papel de baño; no sé cuál es la explicación para eso. Quienes tienen algunos ahorros los retiran del banco y guardan los billetes bajo el colchón. La Bolsa de Valores se desplomó. A la economía de consumo insostenible le llegó finalmente la hora de la verdad. Las calles están vacías, las ciudades silenciosas, las naciones asustadas y muchos de nosotros estamos cuestionando nuestra civilización. (ALLENDE, 2020, p. 188).

Na próxima seção, discuto algumas questões em torno de como podemos classificar a obra da escritora Isabel Allende em “Mujeres del Alma Mía sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas”. Trata-se, afinal, de uma biografia, autobiografia ou autoficção?

4. BIOGRAFIA, AUTOBIOGRAFIA OU AUTOFICÇÃO: uma discussão necessária a partir de leitura de “Mujeres del alma mía: sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas”, de Allende.

A obra de Allende me fez refletir sobre sua escrita. Que tipo de narrativa seria esta sua, afinal? Ao ler o livro me deparei com um dilema, que me inquietou bastante: seria uma obra biográfica, uma autobiografia? No caso de não ser, o que seria exatamente?

A narração biográfica, narrada em terceira pessoa, costuma mostrar, como aponta ARFUCH (2013) a informalidade linguística, bem como, um relato objetivo. Além disso, pode também se utilizar de outros textos, imagens, documentos, de variados elementos que remetem às fases da vida do biografado. Exige, a narração biográfica, um estudo amplo, criterioso e crítico, levando em consideração a pessoa que será biografada. Como destaca Arfuch:

Si bien la biografía se construye generalmente en torno de una vida notable acentuando más bien la diferencia que hace a una singularidad, cada ensayo al respecto no deja de mostrar que se trata siempre de una vida con otros y también para otros, y, en ese sentido, como todo relato vivencial, tiende a producir investigación-glamorosa o traumática- o, como sugiere el propio Holroyd, a generar! intimidad entre extraños. (ARFUCH, 2013, p. 50).

Neste sentido, ao observar a narrativa de Allende, percebo que ela (ou seria a narradora?) começa relatando sua própria vida ou, dito de outra forma, o que está escrito corresponde ao que aconteceu, no que chamamos comumente de “vida real”, na trajetória de Isabel Allende, a escritora chilena. Escreve em primeira pessoa, deixando claro que a obra não é biográfica. Os elementos que determinam o espaço, o tempo, as fases e os locais que são relevantes à biografada estão presentes. Lejuene (2008) em O Pacto autobiográfico reforça que:

A promessa de dizer a verdade, a distinção entre verdade e mentira constituem a base de todas as relações sociais. Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada têm de ilusório. A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo de ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto no

campo de criação artística. É um ato que tem consequências reais: foi o que tentei mostrar em uma série de estudos que analisavam como o ato autobiográfico se inscreve no campo do direito. Há mentirosos que são estigmatizados. Há malvados e indiscretos que são temidos e punidos. Há verdades que ferem. (LEJUENE, 2008, p. 104).

Portanto para comprovar essa análise aponto:

Ao largo de mi vida he demostrado ser una romántica incurable, pero el romance en la literatura es un tremendo desafío para mí. Llevo muchos años escribiendo sin haber desarrollado el talento de las maestras de la novela rosa y sé que nunca lo alcanzaré. (ALLENDE, 2020.p.70)

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar por uma narrativa não significa de maneira alguma que ela seja uma ficção.

Entretanto, no decorrer da leitura, a narrativa apresenta outros personagens e fragmentos de outras histórias, reforçando a ideia de que uma autobiografia autêntica não precisa se reduzir à contingência ou à anedota e possa, mesmo preocupada com a verdade, atingir essa generalidade. Lejuene (2008), a este respeito, aponta que:

Nem que, inversamente, uma ficção expresse sempre, melhor do que uma autobiografia, a verdade individual profunda do seu autor: Essa afirmação é, de fato, ou improvável (quem poderá julgar, em relação a quê) ou insignificante (se isso que dizer simplesmente que tudo o que produzo vem de mim e se parece comigo). O que é impressionante é a dissociação esquizofrênica entre a autobiografia como valor (reivindicado) e como realidade (recusada). (LEJUENE, 2008, p. 106).

Segundo Lejuene (2008), o que é auferido ao leitor com impetuosidade e utilizado por ele para a explanação de sua identidade narrativa parece-lhe não poder vir senão do eu profundo do autor. Nesse contexto, “o intenso parece ‘verdadeiro’ e o verdadeiro só pode ser ‘autobiográfico’”. (LEJUENE, 2008, p. 106).

Para Abraão, “as autobiografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a auto compreensão, o conhecimento de si, àquele

que narra sua trajetória.” (ABRAÃO, 2004, p. 123). Assim, também podemos dizer que a auto ficção é uma manifestação adversa à ilusão de controle e de autocontrole. Para Mello, na auto ficção o autor:

Não escreve a sua vida seguindo, necessariamente, uma linha cronológica. Também não tenta dar conta de toda a história de vida de uma personalidade. A escrita pode partir do fragmento, não exige início-meio-fim, nem linearidade do discurso; o autor tem a liberdade para escrever, criar e recriar sobre um episódio ou uma experiência de sua vida, fazendo, assim, um pequeno recorte no tempo vivido. (MELLO, 2013, p. 185).

No decorrer das leituras, percebo que a auto ficção não é simplesmente uma recordação que o autor faz de sua história. O texto em forma de romance pode conter uma mistura de gêneros, ousar, experimentar, e ser composto por diferentes elementos em sua escrita.

Neste sentido, a obra de Isabel Allende, pode ser considerada uma auto ficção, pois a narradora trabalha com recortes de sua vida, de suas memórias, num plano artístico, em forma de romance, não podendo ser considerado uma autobiografia. Mas o texto partindo de fatos reais, conseqüentemente, autobiografia e romance, realidade e ficção, produz um duplo sentido por parte do leitor: ora ficcional, ora autobiográfico. Portanto,

A auto ficção, então, é antes de tudo uma manifestação adversa à ilusão de controle e de autocontrole. É a linguagem que se manifesta autonomamente, que assim como a lírica moderna se desprende do sujeito, se despersonalifica, mas contraditoriamente, trata do próprio sujeito, do sofrimento, do trauma, das experiências vividas, que, agora, precisam ser narradas e compartilhadas, precisam se tornar matéria do próprio fazer literário, ou artístico, a fim de reunir o conscientemente vivido e aprendido, com aquilo que está fora do alcance, aquilo que não controlamos, que vêm à tona em forma de linguagem, transformando-se em objeto palpável através das palavras. (MELLO, 2013, p. 192).

Na obra *Mujeres del Alma Mía sobre el amor impaciente*, la vida larga e las brujas buenas, a narradora é a própria protagonista, levando em conta ao mesmo tempo, a organização estrutural, temporal e narrativa da história, obedece a suas prerrogativas e as suas opiniões pessoais. Portanto

Se entiende por narrador protagonista a una voz narrativa (un narrador) presente en relatos literarios y de otra naturaleza, que se da a la tarea de contar la trama en primera persona (Yo), asumiendo el

papel principal de la misma. Dicho en otros términos: ocurre cuando el narrador es el mismo protagonista de la historia. (ETECÉ, 2021).

Por compreender a obra nesta perspectiva é que, ao longo do percurso desta escrita me refiro, a escritora Isabel Allende como narradora de sua própria história, dentro do contexto deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra da escritora chilena, Isabel Allende - ***“Mujeres del Alma Mía sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas”***, é uma fonte preciosa de informações e contribuições para nossa formação tanto pessoal como profissional. Levar esse tipo de literatura para a escola, abre possibilidades de diferentes abordagens de temas tão polêmicos e atuais, que precisam ser discutidos, pois a escola ainda é o lugar onde se constrói os saberes da criança, onde se aprende a conviver com as diferenças, principalmente as de gênero. Também é o local onde se estimula o desenvolvimento de uma consciência crítica, nesse sentido a obra de Allende é um guia para desestruturar o preconceito tanto racial, social, gênero ou de etnia. É o comprometimento com a justiça e a verdade é quase um ato de amor. A narradora traduz de modo simples e objetivo seu pensamento perante tanta violência injustificada e que está impregnada numa sociedade medíocre, que idolatra certos tipos de abusos, que corrompe o ser humano de tal maneira que nos envergonha de pertencermos a uma raça, que se diz superior aos animais, mas que se comporta de modo tão irracional. A leitura de Allende me permitiu rever conceitos que estão cultuados dentro de nossa própria constituição enquanto mulher. Carregada de energia, força e otimismo nos impulsiona a prosseguir nessa caminhada por mais lutas por direitos e igualdades sociais. Dar um basta nesse modelo econômico que impera, de governos corruptos e da desigualdade e discriminação que nos separam e criam essa violência. Uma sociedade baseada no respeito, sem distinção de gênero, classe social, idade, raça ou cor. É esse o mundo que queremos: um mundo sem violência, sustentável e equilibrado.

É nosso dever como mulheres (e como homens conscientes também), decodificar essa imagem de que a mulher tem que ser submissa em relação ao homem e à vida. Não é possível que em pleno século XXI ainda tenhamos que nos sujeitar à violência e à humilhação, que não tenhamos condições de mudar esse círculo vicioso que corrompe a sociedade. A obra de Allende, neste sentido, vem ao encontro desses anseios, como um grito de liberdade e

esperança de um futuro melhor. A vida é bela, é para ser vivida em sua plenitude.

A obra toda está marcada por passagens de violência contra as mulheres e indignação perante os agressores, que, muitas vezes, não são pessoas desconhecidas, mas compõem a própria família. Os agressores são pessoas que, na verdade, deveriam, como parte deste núcleo, proteger e não submeter às mulheres as mais variadas formas de violência. São pais, maridos, irmãos e homens considerados “normais”. Como mulher e mãe, sinto que a nossa missão é educar nossos filhos para que possam conviver com as diferenças e a igualdade de gêneros e nossas filhas para que compreendam que têm direito de serem respeitadas e que têm os mesmos direitos dos homens. É importante fortalecer as nossas filhas para que lutem por seus sonhos e para que ninguém esqueça isso.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memórias e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-24.
- ALLENDE, Isabel. **Mujeres del alma mía**. 1ª Ed. – Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Sudamericana, 2020.
- ARFUCH, Leonor. **Memoria y autobiografía: Exploraciones en los límites**. 1. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013. 168 p.
- BECHARA, Victoria. **‘Mulheres de Minha Alma’**: Isabel Allende conta sua própria história em novo livro. 30/11/2020. Disponível em: <<https://www.metroworldnews.com.br/entretenimento/2020/11/30/mulheres-da-minha-alma-isabel-allende-counta-sua-propria-hist.html>>. Acesso em: 07 março 2022.
- ETECÉ, Editorial. Narrador protagonista. 05/08/2021. Disponível em: <<https://concepto.de/narrador-protagonista/#ixzz7arS141MT>>. Acesso em: 02 agosto 2022.
- FEMINISMO Negro. Mulheres na Filosofia, 10/04/2020. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/2020/04/14/feminismo-negro/>>. Acesso em: 02 de agosto 2022.
- GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **Primeira Onda Feminista**. InfoEscola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/primeira-onda-feminista/>>. Acesso em: 02 agosto 2022.
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto autobiográfico de Rousseau à internet**. Editora UFMG, 2008.
- MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, ed. 36, p. 67-92, 01/07/2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/d3NZRM8zPZb49RYwdSPr5jQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 março 2022.
- MATOS, Talliandre. **Biografia: o que é, características, estruturas, tipos**. Disponível em: <[https://www.portugues.com.br/redacao/biografia.html#:~:text=Biografia%3A%20texto%20escrito%20em%20terceira,portanto%2C%20bi%C3%B3grafo%20e%20biografado%20simultaneamente](https://www.portugues.com.br/redacao/biografia.html#:~:text=Biografia%3A%20texto%20escrito%20em%20terceira,portanto%2C%20bi%C3%B3grafo%20e%20biografado%20simultaneamente.)>. Acesso em: 20 julho 2022.
- MELLO, Ana Maria Lisboa. **Escritas do eu: introspecção, memória e ficção**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013 1ª edição.

ANDREO, Juan; GUARDIA, Sara Beatriz. (Editores). Historia de las mujeres en América Latina. Murcia: Universidad de Murcia, CEMHAL, 2003.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Duas mulheres de Letras:** representações da condição feminina. Caxias do Sul: EducS, 2010. Penguin Random House Grupo Editorial Colombia. Edição do Kindle.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um marco civilizatório- uma perspectiva brasileira. Revista Internacional de Direitos Humanos (SUR). Vol.13.n.24 p.99-104. 2016. Disponível em : <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf> Acesso em 29.08.2022.

OLIVEIRA, Ana Flávia. **Djalmira Oliveira:** A voz da consciência negra feminina no Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/bmgkvd/entrevista-djamila-ribeiro-2016>. Acesso em 29.08.2022.